



Data	Tema	Acontecimento
10/03	Economia internacional	Publicação do Boletim Mensal de Março do BCE Informação disponível em: http://www.bportugal.pt/euro/emudocs/bce/b_mensal/03_2005/todo_p.pdf
11/03	Comércio	INE divulga Estatísticas do Comércio Internacional de Janeiro a Dezembro de 2004. Informação disponível em: http://www.ine.pt/prodserve/destaque/2005/d050311-2/d050311-2.pdf
14/03	Economia nacional	INE divulga Contas Nacionais Trimestrais e Anuais Preliminares do quarto trimestre de 2004. Informação disponível em: http://www.ine.pt/prodserve/destaque/2005/d050311-4/d050311-4.pdf
21/03	Agricultura/Pescas	O INE divulga o Boletim Mensal da Agricultura, Pescas e Agro-Indústria relativo a Março de 2005. Informação disponível em: http://www.ine.pt/prodserve/destaque/2005/d050321/d050321.pdf
14/03	IPC	A DRE divulga o Índice de Preços no Consumidor – Fevereiro 2005 Informação disponível em: http://www.dre.srpc.pt/IndicadoresEstatisticos/IPC/IPC0502.htm
17/03	Emprego	A DRE divulga as Estatísticas do Emprego -4.º trimestre de 2004 Informação disponível em: http://www.dre.srpc.pt/IndicadoresEstatisticos/Emprego/EstimTaxVariacao3tr2004.htm

De acordo com o Documento para a reunião do Conselho Consultivo do Banco de Portugal, onde se faz o **Enquadramento Internacional** da economia (até 28 de Fevereiro de 2005), a economia mundial terá crescido, em 2004, cerca de 5%, bastante acima dos 3,9% observados em 2003. Para esta evolução, contribuirão de forma decisiva os estímulos monetários e orçamentais acumulados ao longo do período



de 2002/2003. Estes estímulos permitiram uma recuperação acentuada da procura interna na maioria dos países, com reflexos numa intensificação das trocas comerciais e da utilização do sistema produtivo global. Os Estados Unidos da América (EUA) e a Ásia emergente constituíram-se como os grandes propulsores do crescimento económico internacional. A economia norte-americana beneficiou de uma política económica expansionista, com impacto directo no aumento do consumo privado e, posteriormente, da produção. Por seu lado, a Ásia terá sido a zona do globo que mais beneficiou da intensificação da procura mundial, tanto no que diz respeito aos países asiáticos mais industrializados, como sobretudo aos mercados emergentes, em que o crescimento médio do PIB deverá ter rondado os 7,6%.

Na área do euro, assistiu-se, em 2004, a um crescimento económico mais modesto, num contexto em que os estímulos monetário e orçamental também foram mais contidos, mas, ainda assim, observou-se uma marcada intensificação do crescimento face ao ano anterior.

O desempenho da economia mundial foi condicionado pela forte subida do preço do petróleo e pela manutenção de alguns focos de instabilidade geopolítica (nomeadamente no Médio Oriente, com especial incidência no Iraque e na Palestina), assim como pela expectativa em torno dos resultados das eleições presidenciais norte-americanas. Estes condicionalismos geraram algumas dúvidas quanto à evolução dos resultados das empresas, o que se reflectiu em movimentos pontuais de queda dos principais índices bolsistas e agravou ainda mais significativamente os receios dos agentes económicos quanto à evolução próxima da economia mundial.

Analisando as evoluções registadas nas principais áreas económicas, o Banco de Portugal estima que o crescimento do PIB dos Estados Unidos deverá ter-se situado, em 2004, no valor mais elevado desde 1999 (tendo, durante toda a década de 90, paralelo apenas nesse ano e em 1997). Para esta evolução macroeconómica positiva contribuiu sobretudo o comportamento da procura interna, com o consumo privado a beneficiar da recuperação do mercado de trabalho a que se assistiu em 2004. O investimento beneficiou do maior dinamismo do consumo privado, o que permitiu a recuperação da actividade industrial, diminuindo o excesso de capacidade produtiva



existente. No entanto, o perfil de crescimento foi decrescente ao longo do ano, num contexto em que o aumento do preço do petróleo teve algum impacto na desaceleração do consumo privado e induziu receios quanto à evolução dos resultados das empresas. A nível orçamental, os desenvolvimentos em 2004 foram mais positivos do que no ano anterior. O défice foi idêntico ao observado em 2003 (cerca de 400 mil milhões de dólares) o que, tendo em conta o forte crescimento económico registado em 2004, permitiu uma redução do défice para cerca de 3,6% do PIB.

Na Área euro, o crescimento do PIB atingiu 1,8%, em 2004, superando as expectativas existentes no início do ano, situando-se, no entanto, aquém do observado na maioria dos países industrializados. O consumo privado registou uma recuperação pouco expressiva, muito condicionada pela fraqueza do mercado de trabalho. O investimento registou em 2004 um novo decréscimo, face à permanência de excesso de capacidade produtiva na economia. O sector externo, que havia revelado um comportamento favorável no 1.º semestre de 2004, acabou por ser penalizado pela intensificação do movimento de apreciação do euro (sobretudo no 4.º trimestre), tendo no conjunto do ano revelado uma contribuição nula para o crescimento do PIB. Por outro lado, as finanças públicas continuaram a degradar-se, sendo previsível que o défice orçamental se tenha situado em 2,9% do PIB, com três países provavelmente a ultrapassar o valor de referência para o rácio do défice (Alemanha, França e Grécia) e três outros (Itália, Holanda e Portugal) a aproximarem-se desse valor.

No Japão, o crescimento do PIB aumentou relativamente a 2003, num contexto em que se registou um fortalecimento da procura externa no 1.º semestre, com as exportações a beneficiarem do aumento da procura mundial associado à aceleração do crescimento global. No entanto, o cenário bastante favorável para a evolução da economia nipónica que se parecia desenhar ao longo de 2004, acabou por se diluir com a divulgação recente dos dados das contas nacionais, com a primeira estimativa a apontar para uma recessão técnica no Japão (com a variação em cadeia do PIB a ser negativa entre o 2.º e o 4.º trimestre de 2004). Para este comportamento do produto no 2.º semestre, contribuiu, sobretudo, a fragilidade evidenciada pelo consumo privado, face à diminuição dos rendimentos das famílias (em termos nominais e reais),



a desaceleração do crescimento dos gastos públicos e do investimento, bem como o contributo negativo das contas externas na 2.^a metade do ano.

No Reino Unido, a economia cresceu 3,1%, em 2004, sustentada pela evolução positiva do consumo privado, perante o acréscimo de rendimento das famílias. O investimento revelou igualmente maior dinamismo, em especial a nível do sector dos serviços, cujo comportamento positivo continuou a contrastar com uma elevada fragilidade do sector industrial. A economia deverá estar agora a ser condicionada por dois factores de incidência oposta: por um lado, a maior restritividade da política monetária (o Banco de Inglaterra subiu as taxas oficiais, ao longo de 2004, em 100 pontos base.) e, por outro, os efeitos positivos inerentes à depreciação efectiva da libra no 2.º Semestre de 2004.

No que respeita aos mercados emergentes, a maioria registou, em 2004, um crescimento superior à média mundial (que se deve ter aproximado, em termos médios, dos 6,6%, de acordo com o FMI), impulsionado pela robustez da actividade económica na China, mas que foi igualmente acompanhado por um crescimento forte na América Latina, na maioria das economias da Europa Central e de Leste e na Ásia emergente. A evolução da inflação foi muito condicionada pelo comportamento do preço do petróleo, com alguma diminuição na Europa Central e de Leste e na América Latina, por oposição ao aumento dos preços verificado na Ásia emergente.

Fonte: Banco de Portugal – Documento para a reunião do Conselho Consultivo do Banco de Portugal – Enquadramento Internacional – até 28 de Fevereiro de 2005

